

## LUSOS & CAETÉS\*

José Aderaldo Castello \*\*

### RESUMO

*Caetés expõe um caso de adultério numa cidade interiorana, mas seu fundamento é o auto-retrato do protagonista-narrador projetado em representação nacional. Aqui, Graciliano Ramos distingue-se do seu modelo, A Ilustre Casa de Ramires, de Eça de Queiroz, graças ao recurso da primeira pessoa para a ação presente, na qual dilui, em terceira pessoa, o projeto de narrativa histórica. Este relato, também repassado de reflexões formais, fundamenta o confronto entre o passado e o contemporâneo. Delinham-se, assim, traços do caráterístico nacional, coincidindo com procedimentos dos anos de 1920.*

Unitermos: *Literatura brasileira; romance; Caetés; adultério; comparatismo; identidade.*

*Caetés*, primeiro romance de Graciliano Ramos, principia com a crise moral/sentimental de João Valério, que de surpresa ousa beijar Luíza, esposa do patrão, Adrião Teixeira, da firma Adrião Teixeira & Irmão, na qual ele exercia a função de guarda-livros. Neste primeiro momento, é repudiado e expulso de casa por Luíza. Enquanto evoca o incidente, sob a expectativa das conseqüências, repassa tipos e situações de sua vida numa cidade do sertão do Nordeste — Palmeiras dos Índios. E assim começa a compor, com características específicas, a galeria de tipos, ou melhor, matrizes representativas do viver cotidiano daquele universo urbano. Os perfis, com suas peculiaridades diferenciadoras, se sucedem a partir do primeiro pelos demais capítulos. Mas não queremos caracterizar tipos, pois na enumeração que fizéssemos, os nomes poderiam ser dispensados. Na verdade reconhecemos matrizes que se relacionam e se justapõem como componentes do univer-

---

\* O presente trabalho é parte de conferência pronunciada nas comemorações do Centenário de Graciliano Ramos — Fundação Cultural da Bahia, Salvador, de 15 a 18.09.92.

\*\* Professor aposentado de Literatura Brasileira do Depto. de Letras Clássicas e Vernáculas da FFLCH-USP.

so dessa espécie de personagem comunitário — uma pequena cidade interiorana, irmã gêmea de tantas outras do Brasil a dentro. Porque de fato a preocupação do narrador é delinear esteriótipos em ação corriqueira, da vida repetida diariamente, com seus serões semanais, suas procissões, seus passeios coletivos, seus namoros, seus encontros ocultos, seu diz-que-diz maledicente ou procedente, suas tertúlias literárias e outras veleidades. Tudo isso poderia parecer crônica do cotidiano. Mas o Autor supera as limitações do depoimento ou do testemunho à medida que, estabelecendo aquela relação aglutinadora e nela explorando um caso de adultério, soube colocar-se sob o ângulo da verossimilhança. E o adultério, que poderia parecer um drama comum, por sua vez se distingue dos esquemas tradicionais de situações romanescas semelhantes, distancia-se do dramático e aproxima-se do trágico. O Autor limita-se a explorá-lo apenas em suas etapas principais, como sempre reduzindo o pormenor ao mínimo essencial das relações físicas. Prefere, sim, dar relevo ao sentimental e ao instintivo, soma da paixão irrefreável em conflito com o arrependimento.

E como Graciliano Ramos supera o lugar comum do modelo do século XIX, à Eça de Queiroz, e aproxima-se de Machado de Assis? Em *O primo Basílio*, por exemplo, a heroína, caricaturada à romântica conforme a teoria realista-naturalista, passa do estado febril à morte natural causada muito mais pelo terror da possível vingança do marido traído do que propriamente pelo remorso auto-punitivo. Lembra-nos, com certos detalhes de situações fundamentais, o modelo de Flaubert, dado em *Madame Bovary*. Enquanto Machado de Assis, em *Dom Casmurro*, rejeitando este esquema, aprofunda-se na análise psicológica da simulação e da dúvida, atuantes somente depois da morte acidental do rival, por sinal amigo íntimo do esposo traído. O desfecho, ou melhor, as conseqüências pós interrupção das relações adúlteras, é o distanciamento físico do casal, sendo o marido reconduzido à solidão pela destruição do seu mito amoroso, a esposa exilada até que vem a falecer, assim como o filho, igualmente distanciado pelo pai. O processo auto-punitivo do caso legítimo é a destruição das ilusões existenciais de cada parte, com reflexos em terceiros, nomeadamente o filho tido como espúrio pelo pai, na verdade isento de culpa, apenas testemunha/vítima inocente e involuntária de uma determinada evidência. Em Graciliano Ramos, paralelamente com Machado de Assis, o desfecho do caso amoroso Luíza/João Valério se dá com o suicídio do inocente atingido, ato que configura a sua ilusão perdida e ao mesmo tempo fuga à vida desmoralizada de esposo traído pela mulher com pessoa da intimidade, amiga e servidora, em quem confiava e a quem dedicava sincera estima. Admitimos que o suicídio aparentemente favorável à liberdade de ação dos amantes, resulta, contudo, em distanciamento moral irremediável. E se lembrarmos *S. Bernardo*, verificamos que Graciliano Ramos se aproxima ainda mais de Machado de Assis. Chega aí a desfecho idêntico ao de *D. Casmurro*, mas com outro esquema, de relacionamento e condicionamento, donde o final da narrativa refletir o fatalismo dos que vivem aprisionados por uma existência rude ou

rústica. Mas na situação de *Caetés*, as pessoas, que vivem o drama, estão aparentemente colocadas sob a dependência do sistema ético dominante. E subordinam-se à visão do romancista, a saber, são equacionadas com as raízes longínquas da psicologia do povo a que pertencem. Pois, sob a capa da civilização, são herdeiras do instinto devorador e flagelador, agora no plano moral e afetivo, dos nossos antepassados botocudos.

Essa relação, presente/passado é a terceira coordenada da narrativa, envolvendo a primeira — a representação urbana interiorana, e a segunda, o adultério. Tem função generalizadora. Ela consiste no projeto de o protagonista escrever um romance inspirado em fato histórico do século XVI, o do naufrágio em costas das Alagoas, com a "deglutição do bispo Sardinha" — expressão que tomamos ao "Manifesto Antropófago" de Oswald de Andrade — pelos índios caetés. E esta designação de tribo indígena daria títulos ao projeto de elaboração do romance histórico e à própria narrativa em primeira pessoa, de João Valério. Na relação entre as duas narrativas, uma embutida na outra, fundamenta-se a intenção crítica agora do escritor Graciliano Ramos, intenção algumas vezes reiterada através de João Valério. Como exemplo a ser logo mais reconsiderado, basta retermos o final do último capítulo de *Caetés*. Arremate perfeito, como de resto o vemos nas demais narrativas de Graciliano Ramos, esclarece o significado da autobiografia de João Valério, que é o próprio romance *Caetés*. Mas, com uma característica peculiar e fundamental: *Caetés*, como narrativa considerada no seu todo, é a versão em termos contemporâneos ou em compromisso com a modernidade da versão esboçada e nela encaixada do planejado *Caetés* da lenda histórica. Daí o citado final da obra, o qual, como síntese da intenção implícita, vai da autodefinição pessoal ao reconhecimento de nossas raízes nativas mais distantes. É a busca dos nossos traços psicológicos ou caracterizadores aparentemente evoluídos com o tempo, mas, em essência, marcados pelas persistências provenientes dos primórdios da colonização, fundamento da nossa identidade. Anula-se a distância entre o histórico e o contemporâneo.

Vejamos pelo menos um pequeno trecho do capítulo referido, indispensável à aproximação que faremos a seguir:

.....

"Não ser selvagem! Que sou eu senão um selvagem, ligeiramente polido, com uma tênue camada de verniz por fora? Quatrocentos anos de civilização, outras raças, outros costumes. E eu disse que não sabia o que se passava na alma de um caeté! Provavelmente o que se passa na minha, com algumas diferenças. Um caeté de olhos azuis, que fala português ruim, sabe escrituração mercantil, lê jornais, ouve missas. É isto, um caeté. Estes desejos excessivos que desaparecem bruscamente... Esta incons-

tância que me faz doidejar em torno de um soneto incompleto, um artigo que se esquia, um romance que não posso acabar... O hábito de vagabundear por aqui, por ali, por acolá, da pensão para o Bacurau, da Semana para a casa de Vitorino, aos domingos pelos arrabaldes: e depois dias extensos de preguiça e tédio passados no quarto, aborrecimentos sem motivo que me atiram para a cama, embrutecido e pesado... Esta inteligência confusa, pronta a receber sem exame o que lhe impingem... A timidez que me obriga a ficar cinco minutos diante de uma senhora, torcendo as mãos com angústia... Explosões súbitas de dor teatral, logo substituídas por indiferença completa... Admiração exagerada às coisas brilhantes, ao período sonoro, às missangas literárias, o que me induz a pendurar no que escrevo adjetivos, que depois risco..."

.....

E dadas mais outras caracterizações: a galhofa, aplauso à cana-lhice, o ódio injusto, dissimulado, o gostar de ouvir mentira e confundí-las com a verdade, em suma "os desregramentos da imaginação" e "a falsidade do índio", ele arremata:

"Diferenças também, é claro. Outras raças, outros costumes, quatrocentos anos. Mas no íntimo, um caeté. Um caeté descren-te.

Descrente? Engano. Não há mais crédulo que eu. E esta exaltação, quase veneração, com que ouço falar em artistas que não conheço, filósofos que não sei se existiram!

Ateu! Não é verdade. Tenho passado a vida a criar deuses que morrem logo, ídolos que depois derrubo — uma estrela no céu, algumas mulheres na terra..." (1)

Ao chegarmos a esta conclusão, evidentemente o leitor sente a transfiguração quase mítica de João Valério, um *eu* igual a *ele* que resulta em *eu + ele* igual a *nós*, ultrapassando os limites daquele universo urbano do interior brasileiro, para uma representação do *nós*, totalizadora no espaço, e sintética, no tempo. A primeira lembrança do leitor é a de que se trata de um procedimento igual ao de Eça de Queiroz ao criar Gonçalo Mendes Ramires, um contemporâneo, no romance que lhe traz o nome e ressalta a origem longínqua: *A ilustre Casa de Ramires*. Aqui, no decorrer da ação, o Autor atribui a Gonçalo Mendes Ramires uma volta aos antepassados pela elaboração de uma narrativa histórica dentro da narrativa de ação presente. E ao chegar ao final do romance, agora é um dos protagonistas que, a partir da novela atribuí-

---

1 — RAMOS, Graciliano. *Cactés*. 2ª edição. Rio de Janeiro, José Olympio Ed., 1947. p. 216-17.

da a Gonçalo Mendes Ramires — *A Torre dos Ramires*, delinea comparativamente e também sinteticamente o retrato deste personagem:

.....

" — Talvez se riam. Mas eu sustento a semelhança. Aquele todo de Gonçalo, a franqueza, a doçura, a bondade, a imensa bondade, que notou o Sr. Padre Soeiro... os fogachos e entusiasmos, que acabam logo em fumo, e juntamente muita persistência, muito aferro quando se fila à sua idéia... A generosidade, o desleixo, e sentimentos de muita honra, uns escrúpulos, quase pueris, não é verdade?... A imaginação que o leva sempre a exagerar até à mentira, e ao mesmo tempo um espírito prático, sempre atento à realidade útil. A viveza, a facilidade em compreender, em apanhar... A esperança constante n'algum milagre, no velho milagre d'Ourique, que sanará todas as dificuldades... A vaidade, o gosto de se arrebicar, de luzir, e uma simplicidade tão grande, que dá na rua o braço a um mendigo... Um fundo de melancolia, apesar de tão palrador, tão sociável. A desconfiança terrível de si mesmo, que o acobarda, o encolhe, até que um dia se decide, e aparece um herói, que tudo arrasa... Até aquela antiguidade de raça, aqui pegada à sua velha torre, há mil anos... Até agora aquele arranque para a África... Assim todo completo, com o bem, com o mal, sabem vocês quem ele me lembra?

— Quem?

— Portugal." (2)

Certamente os dois escritores se encontram para o reconhecimento de identidades bem próximas de dois povos, um herdeiro do outro. Contudo, Graciliano Ramos ao projetar em João Valério traços do nosso caráter nacional, ou como diria Mário de Andrade do nosso característico, deu ênfase preponderante às origens indígenas do brasileiro. Mesmo que tenha feito referência àquela "tênue camada de verniz por fora" e aos "quatrocentos anos de civilização, outras raças, outros costumes", não conseguiu atenuar a preponderância exclusivista. Fica, pois, a sugestão de que o que prevalece é a herança indígena. Neste caso, além do confronto com o quadro nacional português, conforme Eça de Queiroz, devemos propor a aproximação da proposta de Graciliano Ramos com o "Manifesto Antropófago" de Oswald de Andrade, com *Macunaima* de Mário de Andrade e o neo-indianismo do "Movimento Nheengaçu", este defendendo expressamente a função diferenciadora do índio na nossa formação. Anteriores ou simultâneas com a elaboração de *Caetés*, de qualquer forma em todas aquelas três posições, destaca-se a contribuição do índio no reconhecimento de nossa identidade.

---

2 — QUEIROZ, Eça. *A Ilustre Casa de Ramires*. Porto, Livraria Lello Ltda., 1933. p. 455.

## O romance "Caetés"

O que nos impressiona no romance de Graciliano Ramos é a sua força de humanidade, é a sua plástica expressão de vida e movimento. A realidade, atingida pelos processos directos e incisivos do escriptor alagoano, chega a uma rara condensação. Os factos, os costumes, os homens movimentam-se numa atmosfera sem nada de artificial, vivos e exactos, através de uma notável precisão de descriptivo, transitam pelo primeiro livro de Graciliano Ramos com uma naturalidade que não é a dos heróis e dos casos de mentira. Sente-se no *Caetés* e a força íntima do documento humano; elle é uma luminosa photographia da multidão, realizada por um que acredita naquella realidade histórica dos acontecimentos, tão dentro dos grandes romances, de que Duhameil falou num recente ensaio.

Talvez o que mais influa para dar ao *Caetés* toda essa impressão de vida, toda essa communiabilidade, seja a segurança de sua factura, o admirável de sua realização. Graciliano Ramos tem, como romancista, qualidades de poucos no Brasil. Tem uma simplicidade, uma disciplina, uma secura de fala que fazem o caracter negro exótico de sua phisionomia. Escriptor mais proximo da aridez que da fartura, mais nuído da pobreza que da riqueza de estilo, o romancista alagoano é tem um exemplo vivo de que também em litteratura a banha não é signal de saúde; a sua magrem de casos de força é o seu natural, é a sua mais espontanea maneira de dizer as cousas, e não um simplez villegre de japon contante, uma pura reunião de plannagens.

Em muitas de suas paginas a gente percebe que Eça deixou nelle marcas fundas; muitas de suas qualidades e alguns de seus defectos se fixaram, sem o querer do autor, no seu caracter. Porém no corpo de romance ha uma expressão pessoal de narrador. E esse poder de animar os homens e os factos, em Graciliano Ramos, não é resto de banquete de Eça de Queiroz; é comida de primeira mesa.

Quando eu li *Caetés*, ha tres annos, senti uma impressão de caricatura, caricatura de massa, com a grandeza natural da boa caricatura mas também com as desvantagens de seu sentido de deformação da realidade, apenas. Suggestivo-me que Graciliano Ramos se especializara em muitos tractos com os seus heróis, dando-lhes uma vida de escuras, vivas e não de gente. E minha impressão foi mais falsa, nunca me trahi tanto a mim mesmo. Tudo o pessoal de *Caetés*, com quem tive uma aproximada convivencia de poucos borges, tem uma vida de carne e osso, intensa e infeliz no seu processo. E a vivira a que conheci: Ficarão João Valério — com a sua paixão de certo exaltado pela Luiz, milhet de patrão, com os seus rebuques e os seus chifres, o velho Castro promotor, o padre Athanasio, o sr. Teodoro, o sr. Liberato, medico de provincia, o Nicolau Varscio, o das mentiras fabulosas, todos elles. A vida monotona da cidadadania — Palmeira das Indias, que vive um humilhamento de José no romance de Graciliano Ramos. — Traço fortemente em *Caetés*, com alguma coisa de grande, de real, de documento humano.

VANOMAR CAVALCANTE

Vol. 1. Rio de Janeiro - 1953

Recorte com anotação de Graciliano Ramos: "Boletim de Ariel, dezembro, 1933".

Como vemos, as aproximações se desdobram. E se voltarmos a Eça de Queiroz, relembremos que, além de *A Ilustre Casa de Ramires*, com outros romances mais como *O crime do Padre Amaro* e *O primo Basílio*, o escritor português se projeta em diferentes escritores brasileiros, de Aluizio Azevedo, Inglês de Souza ao próprio Graciliano Ramos. Não resta dúvida de que dele nos provém, seja ou não sob a sua sugestão direta, aquele tipo de romance que é a representação do viver cotidiano de uma cidade pequena, de tal forma que o próprio meio urbano é que se erige em personagem. Como exceções entre nós, Graciliano Ramos de *Caetés* e José Lins do Rego de *Pedra Bonita*, com

grande poder de apreensão de persistências psicológicas e culturais de nossa formação, souberam fazer com que os protagonistas centrais de suas narrativas se erigissem em representações coletivas. E se Eça também o fez com Portugal e nele Graciliano Ramos se inspirou, por sua vez, o próprio Eça não foi original no recurso fundamental de *A Ilustre Casa de Ramires*, isto é, a da narrativa dentro da narrativa, uma esclarecendo a outra. Basta relembrar o *Hamlet* de Shakespeare. (3)

*Caetés* se passa em Palmeira dos Índios, onde Graciliano Ramos viveu alguns anos, destacando-se daí a sua curta estada no Rio de Janeiro.

Datam de 1915 crônicas publicadas no periódico *Paralba do Sul* e de 1921, outras tantas publicadas em *O Índio*, de Palmeira dos Índios. Se lembramos que *Caetés* está impregnado de protagonistas que nos remetem à retrovisão memorialística de *Infância*, compreendemos perfeitamente como aquele romance resulta também da observação de tipos, comportamento, condição sócio-econômica, paisagem do sertão. Ele, as crônicas anteriores e a reconstituição memorialística de *Infância* esclarecem, agora conjunta e fundamentalmente, os romances posteriores.

Podemos, então perguntar: no conjunto da obra ficcional de Graciliano Ramos e no conjunto da narrativa ficcional em língua portuguesa, de Eça e Machado de Assis a José Lins do Rego, qual a posição — importância e significado de *Caetés*?

Recompondo uma cidade interiorana e nela um caso de adultério, *Caetés* seria paralelo a tantos outros esquemas narrativos do século XIX, se o desenrolar do drama amoroso constituísse, conforme aparenta, o fundamento precípua da unidade da obra. Não o é, pois é certo que se sobrepõe a uma coisa e outra o auto-retrato do protagonista-narrador projetado em representação nacional. E se, para este enfoque, também houve antecedente, é certo que Graciliano Ramos soube distinguir-se com autonomia recriadora, primeiramente, graças ao seu poder de observação enriquecida pela reflexão do universo do qual participou. Em segundo lugar, livrou-se de incorrer numa visão crítico-caricaturesca, no que foi favorecido pelo recurso da narrativa de ação presente em primeira pessoa, autobiográfica, enfatizando a análise instrospectiva e inserindo a segunda narrativa em terceira pessoa. E esta, por sua vez, limitada à reconstituição apenas de um episódio histórico, mas o suficiente para ser explorado em significação abrangente. De fato, relato intermitente secundado por conjecturas de natureza formal, diluído na narrativa de ação presente, aquele episódio estabelece implicitamente o jogo confrontativo entre o retroativo

---

3 — Cf. HIGHET, Gilbert. *La tradición clásica*. Trad. Antonio Alatorre. México, Fondo de Cultura Económica, 1954.

e o projetivo, o passado e o contemporâneo. Em suma, extrapõe-se não só o esboço do retrato nacional, mas também a concepção da imutabilidade da natureza humana.

Por outro lado, pretendendo delinear traços do característico nacional, Graciliano Ramos participa voluntária ou involuntariamente de um momento de investigação generalizada de nossa identidade. É a "brasilidade" propugnada por escritores dos anos 20, embora ele mesmo não se reconhecesse como um seguidor, teórico ou não, dos modernistas.

#### ABSTRACT

*Caetés presents a case of adultery in a small town, but its fundament is the self-portrait of the protagonist-narrator projected in national representation. Here Graciliano Ramos distinguishes himself from his model, Eça de Queirós's A Ilustre Casa de Ramires, by virtue of recourse to the first person for the present action, action in which the project of historical narrative is diluted by use of the third person. This account, also imbued with formal reflection, lays the foundations for the confrontation of the past and the contemporary. Aspects of the national characteristic are delineated, coinciding with proceedings of the 1920's.*

*Key-words: Brazilian Literature; novel; Caetés; adultery; comparative, in literature; identity.*